

## O contracheque do contracheque

**U**m estudo magistral de Freud ("O Fracasso Depois do Triunfo — Os Arruinados pelo Êxito", volume XIV das Obras Completas) devia ser lido agora pelo PT de Brasília. Em cima da figura de Lady Macbeth, de Shakespeare, e da história de Rebeca e Rosmer, de Ibsen, o velho gênio de Viena constrói toda uma teoria segundo a qual "as pessoas adoecem de neurose como resultado de frustração", e "a privação, a frustração de uma satisfação real é a primeira condição para a geração de uma neurose".

Não quero desmanchar a alegria de ninguém e muito menos que o governo do bem-intencionado professor Cristovam Buarque seja uma frustração, um fracasso. Se depender de mim, será um sucesso. Infelizmente, vai depender do PT, um partido neurótico, freudeaneamente doente.

Depois do triunfo da eleição de Cristovam, o PT de Brasília não vai conseguir livrar-se da "neurose da frustração" no contracheque do primeiro contracheque.

### Funcionários

Brasília é uma cidade salarial. Jânio dizia que ninguém melhor do que ele conhecia São Paulo, desde o dia em que descobriu que em São Paulo quem não era empresário

queria ser: "Em São Paulo, sou um político empresarial. Em Brasília, Jânio seria um "político salarial".

Brasília é uma cidade de funcionário público. A grande maioria da população ou tem emprego público ou depende de quem tem. Para um milhão e oitocentos mil habitantes, há, em números redondos, 120 mil funcionários do Governo de Brasília (servidores da administração, professores, médicos, policiais, contratados, todo tipo de contracheques), uns 50 mil militares (Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Federal, serviços de segurança) e no mínimo 130 mil servidores civis (Executivo, Legislativo, Judiciário, Fundações, estatais, entidades sindicais de patrões e empregados, embaixadas, etc).

Esses 300 mil servidores são a grande massa eleitoral de Brasília. Basta pôr três por família, são 900 mil, quase o milhão e cinquenta mil eleitores do Distrito Federal. Por isso, Brasília é majoritariamente do PT. O PT é um partido basicamente de assalariados públicos. Enquanto não for privatizado, o PT é uma estatal salarial. (Lula só ganhou bem de Fernando Henrique aqui e Cristovam teve 460 mil votos).

O maior índice da votação de Cristovam foi no Cruzeiro, cuja maioria de moradores é de militares. O segundo foi nas Asa Sul e Norte, onde vive o alto funcionalismo. O terceiro, no Guará, dos bancários de bancos oficiais.

### A contradição

O grande problema que Fernando Henrique vai enfrentar, logo no começo do governo, é dos salários públicos, civis e militares. Se um simples aumento da Petrobrás está dando essa onda toda envolvendo o governo de Itamar, com ministros brigando em público e o corporativismo ameaçando retaliar o presidente, imaginem o que vai acontecer em janeiro, fevereiro, março, quando todas as pressões reprimidas pela campanha eleitoral desabarem sobre o Palácio do Planalto.

A política fundamental desta equipe econômica que está aí, e que Fernando Henrique já anunciou que vai continuar, é o controle estrito, rigoroso, dos salários, sobretudo dos salários públicos. O funcionalismo federal já está anunciando greve para reposições altíssimas, que o governo jamais poderá pagar. Em janeiro estará dado o nó. Para segurar a inflação, o governo vai segurar os salários. E o PT, que é o partido dos salários, vai ser inevitavelmente o partido da inflação. Não adiantará dizer que salário não faz inflação. A equipe econômica tem como tese sagrada que a inflação nasce do déficit público e que o principal responsável pelo déficit público é o gasto do governo com os salários públicos. Eis o nó.

É neste nó que o Governo de Cristovam vai amarrar-se em Brasília.

### O contracheque

O funcionalismo do GDF é pago pelo Governo Federal (segurança, saúde e educação, policiais, médicos, enfermeiros, professores). Esses setores é que elegeram os deputados do corporativismo petista de Brasília. Os quatro federais do PT-PC do B-PPS são ex-presidentes dos sindicatos de funcionários, médicos, professores e policiais-vigilantes. Essa gente é que terá a principal representação e capacidade de pressão sobre o governo de Cristovam.

O governo de Cristovam vai comer na mão avarenta da dura política econômica do governo de Fernando Henrique. É impensável imaginar que o Governo Federal vai pagar aos servidores de Cristovam, em Brasília, mais do que pagará aos seus próprios funcionários. Cristovam não terá autonomia financeira nenhuma para dar aos servidores do Distrito Federal salários maiores do que os do governo de Fernando Henrique. É a hora da frustração do PT. Haja Freud.

No dia 31 de janeiro, quando começarem a chegar os primeiros contracheques minguados nas mãos do funcionalismo de Brasília, que votou em peso em Cristovam, vai ser a hora do contracheque, a neurose petista incurável. Nem Freud dará jeito. O PT vai sair mordendo os tornozelos de Cristovam.